



Um Fotoneto de Davino Ribeiro de Sena

Paulo Henriques Brittoⁱ

Davino Ribeiro de Sena, um dos melhores poetas brasileiros de sua geração, inventou uma forma poética que vem utilizando há alguns anos: o fotoneto. Em 1999 ele publicou *Vidro e ferro*, uma coletânea contendo exclusivamente poemas que seguem esse formato, e repetiu o feito em 2015, com o lançamento de *Ternura da água*. Haveria muito a dizer sobre este seu novo livro, em que o autor reafirma sua preferência pela poesia narrativa; mas limito-me a fazer algumas observações sobre a forma criada por ele, examinando um dos muitos poemas excelentes incluídos na sua mais recente publicação.

O nome escolhido pelo poeta para designar a nova forma, “fotoneto”, afirma de modo explícito seu parentesco com o soneto, e ao mesmo tempo sugere uma ênfase na imagem, na captura de um momento. Essa ênfase talvez seja excessiva: ainda que muitos dos poemas de Davino explorem imagens, também é grande o número de peças de reflexão lírica, e maior ainda o de textos de cunho narrativo. Nas mãos do autor, o fotoneto, tal como o soneto, é uma forma que pode ter temática amorosa (ver “Peixe e alga”, que estabelece um belo diálogo com a “Arte de amar” de Bandeira), memorialística (vários poemas da seção “Infância”), metalinguística (“Não cabe talvez”) ou qualquer outra. Porém o componente “-neto” é preciso: de fato, o fotoneto é uma versão expandida e afrouxada do soneto. São duas estrofes de seis versos cada, seguidas de um terceto; métrica e esquema de rimas são semilivres. O metro predominante é o octossílabo, mas a contagem de sílabas varia de seis a dez; as rimas, completas ou incompletas, não obedecem sempre a um mesmo esquema, e nem todos os versos rimam. Um padrão rímico que aparece frequente é *aabbcc* nas duas

primeiras estrofes, com a possibilidade de um ou outro verso escapar do esquema e uma tendência geral a um número menor de rimas na segunda estrofe do que na primeira. No terceto, a configuração rítmica é ainda mais livre; o mais comum é rimarem apenas dois dos versos.

Há semelhanças tanto com o soneto italiano quanto com o inglês. Cada sexteto costuma corresponder a um único período gramatical, e desenvolver uma etapa de um raciocínio, ou narrar um trecho de uma história. Os sextetos, portanto, assemelham-se aos quartetos de um soneto italiano. Já o terceto muitas vezes é um arremate com força epigramática, evocando o dístico final do soneto inglês — semelhança que se acentua mais ainda nos casos (frequentes) em que rimam os dois últimos versos. O poeta consegue manter um equilíbrio constante entre constrição e liberdade, evitando os extremos da formalidade rígida e da ausência de regras.

Examinemos um dos pontos altos do livro, que combina com virtuosismo a atenção cabralina a um objeto físico e um subjetivismo melancólico à Drummond.¹

ELOGIO DA CAMA

És o mais gentil dos quadrúpedes
e em tua garupa os humildes
aprendem a esquecer o dia
obtusos e fixos no sussurro
que teu galope enfim transforma
em eco suportável do mundo.

És a jangada sobre as ondas
e o silêncio, paradoxal,
fiz-te fixa, sobre o sereno
mar que navego toda noite
com os remos da oração, simples
consolo: "o mundo tem jeito".

O mundo não tem jeito, mas
tu aceitaste, sem pedir nada,
de meu corpo a feia massa.

Como costuma ocorrer nos fotonetos de Davino, há uma semelhança estrutural entre os sextetos que não se mantêm no terceto, o qual tem a forma de uma coda. Em A e B desenvolvem-se duas metáforas: a cama é comparada primeiro a um quadrúpede, depois a

¹ Sigo aqui a convenção de usar maiúsculas para designar as estrofes de um poema, e números colocados após as maiúsculas para designar os versos. Assim, B₃ significa "terceiro verso da segunda estrofe".

uma jangada; em ambas estrofes o verso inicial começa com “És”. Em C, a metaforização é abandonada.

No plano métrico, constatamos que em sua grande maioria os versos são octossílabos; o mais longo, A6, tem nove sílabas, e o mais curto, B6, sete. Como é comum na poesia de Davino, não há células métricas padronizadas. Mas nos primeiros versos de A ocorrem cinco células ternárias, que inevitavelmente põem em destaque o plano rítmico. Isso é oportuno, já que a cama está sendo comparada a um animal de montaria:

- - / - / - - / - -
És o mais gentil dos quadrúpedes

- / - - / - - / -
e em tua garupa os humildes

- / - - - / - / -
aprendem a esquecer o dia

A presença dos anapestos é discreta, mas parece ser significativa, já que nas duas estrofes que se seguem o ritmo é predominantemente binário ou quaternário.

Passemos ao plano fonológico. Em A, as rimas incompletas em /u/ e /i/ — apenas o quinto verso, que termina com a tônica /ɔ/, não rima — são reforçadas por assonâncias das mesmas vogais, como em “gentil” e “garupa”, com destaque para o par “obtusos e fixos”. Em B, as rimas escasseiam — há apenas a rima “sereno”/“jeito”, reforçada pela assonância em “remos” — e abundam as aliterações com sibilantes, já introduzidas na estrofe anterior: o /f/ de “fixo” e “enfim” de A4 e A5 ressurgem em “fez-te fixa”, e os /s/ da estrofe anterior aparecem com mais força ainda: “sobre” (duas vezes), “silêncio”, “paradoxal”, “fixa”, “sereno”, “oração”, “simples” e “consolo”. O som /ʒ/ de “jangada”, presente no início de B1 — e também em A1 (“gentil”) — reaparece para fechar a estrofe em “jeito”. Em C, reaparecem as três vogais utilizadas nas rimas das estrofes anteriores, /u/, /i/ e /e/, mas com uma única ocorrência tônica para cada uma: “mundo”, “pedir” e “jeito”. A vogal que domina os versos finais, em rimas e assonâncias, é /a/, tônica em “aceitaste”, “nada” e “massa”, e átona em “mas”. O final em /a/ dos três versos do terceto faz deles uma versão expandida do dístico final do soneto inglês.

Passemos para o plano semântico. Em A, o eu lírico ainda está preso ao dia; a cama galopa, que de modo suave e sussurrante, com sons que ainda ecoam o mundo; em B, quando o corpo mergulha no sono, o movimento da cama é como o deslizar silencioso de uma

jangada num mar sereno, e o mundo está tão distante que parece ter “jeito”. C começa evocando o final do B, corrigindo “o mundo tem jeito” para “o mundo não tem jeito”, e estabelecendo uma conexão também com A6, que termina com “o mundo”. Mas C não dá prosseguimento à estrutura precedente: o eu lírico agora se afasta de uma visão metafórica e idealizante, na qual a cama é montaria e jangada e o mundo tem jeito, e afirma a realidade prosaica de que a cama é apenas uma cama e o mundo não tem solução.

Se a forma do fotoneto estabelece uma diferenciação entre o mundo da imagem poética (A e B) e o mundo real (C), ela ao mesmo tempo os integra, pois A, B, e C formam juntos um único poema. E mesmo o abandono da visão metafórica não é completa: a cama continua a ser “tu”, um ser a quem o poeta se dirige, e que nada pede em troca da aceitação do seu corpo. Como na melhor poesia da tradição moderna, em Davino Ribeiro de Sena o reconhecimento da realidade prosaica não impede a que se escrevam poemas — ou, dito de outra forma, a percepção poética do mundo não contradiz a existência no mundo real.

ⁱ **Paulo Henriques Britto** - Tradutor e professor da PUC-Rio. Coordena linhas de pesquisa sobre tradução de poesia e poesia brasileira contemporânea. Coorganizou, com Caetano Waldrigues Galindo (UFPR), em 2010, número temático de Tradução em Revista, publicação eletrônica da área de tradução da PUC-Rio, sobre tradução de poesia da Europa Oriental e Central. Livros mais recentes: Tarde (poesia, 2007); Eu quero é botar meu bloco na rua, de Sérgio Sampaio (ensaio, 2009); e Claudia Roquette-Pinto (ensaio, 2010).